



capture

BESTSELLER VIVIAN WOOD WRITING AS
OLIVIA RYANN



Medusa Traduções

AVISO aos navegantes.

Capture é uma introdução para a série Cherish da escritora Olivia Ryann. A série até o momento contém quatro livros.

TODOS eles serão traduzidos por nossa equipe.

Se você é sensível a determinados conteúdos, não recomendamos este livro.

Somos uma equipe que dedica seu tempo para traduzir e disponibilizar de graça livros de autoras internacionais que não serão lançados no Brasil. Se o mesmo for adquirido por uma editora brasileira, o tiraremos do blog.

*Não possuímos nenhum contato em outro meio de mídia social.
Nos faça uma visita: [medusa livros](#)*

Não disponibilizamos leitura nacional.

Se não gostou da tradução, leia em inglês!.

Se gostou desse livro, o compre como forma de prestígio ao autor(ar).

Sem mais.

Boa leitura!!!!

Capture
Cherish Series
Olivia Ryann

Katherine Carolla

" Katherine, venha ver!"

Saio de perto do fogão na cozinha da enorme mansão que compartilho com meus irmãos e meu pai, desejando não revirar os olhos.

Tive a infelicidade de ficar com todo o cérebro da minha família, enquanto os homens ficaram com a astúcia e o instinto de ganhar dinheiro. Eu também herdei problemas psicológicos, um presente da minha mãe que se matou quando eu era jovem. Eu acho que ser inteligente á cima da média é uma faca de dois gumes, porque torna você mais sensível às falhas do mundo.

Mesmo que eu seja jovem, já tive provas suficientes disso.

"Kat!" Meu irmão Dave chama. "Sério, venha aqui!"

"Eu tenho jambalaya no fogão", eu digo. "Pode esperar?"

"Não, você tem que ver isso!", Chama meu irmão Arturo. "É tão engraçado!"

Eu prendo uma mecha do meu longo cabelo loiro, suspirando. Deixo meu jambalaya em fogo baixo, saio da nossa grande cozinha de última geração e entro na sala de estar. Ali meus três irmãos estão todos de pé atrás do meu pai idoso, que está sentado no sofá. Meu pai segura um iPad, aparentemente extasiado com o que está na tela.

Meus irmãos são cópias de papai; é como o desenho da Evolução Humana em meu livro de biologia, cada um dos meus irmãos representa um dos macacos que formaram os passos evolutivos para se tornar meu pai. No momento, todos eles estão olhando para o iPad com atenção, seus rostos estão iluminados com o mesmo humor negro.

Fico enjoada quando vejo minha família com esse olhar. A última vez que todos olharam para uma tela como essa, descobri que eles estavam revendo uma das brigas que eles haviam organizado.

"O que é isso?" Eu pergunto, contornando o sofá para dar a volta por trás de todos eles. Tony se separa para dar espaço para eu ver por que eles estão tão encantados.

Olhando para o iPad, fico instantaneamente repelida. A tela mostra uma jovem, amarrada e amordaçada, como um porco pronto para assar. Ela está obviamente bastante assustada e continua olhando para algo ou alguém que não aparece na tela.

"Esta é uma garota que Art costumava foder", meu pai diz, rindo. "Quando foi que seu irmão ficou tão bom em fazer isso? Quero dizer, olhe para ela!"

Olhando para a garota de cabelos escuros, com sua pele branca e cremosa marcada por uma corda vermelha de aparência rude, sinto medo. Há lágrimas escorrendo por suas bochechas, vestígios de seu rímel escorrendo por seu rosto. Ela está tremendo, quase frenética, e eu faço uma pequena oração para que ela seja apenas uma ótima atriz.

Na tela, vejo um homem, estralando um chicote. Eu estremeço, franzindo a testa e me afasto. Não gosto de ver esse tipo de pornografia ainda mais quando envolve alguém da minha família. Ser um Carolla em Nova Orleans é viver no limite.

Ou pelo menos é o que os homens da sala continuam me dizendo, pelos meus dezoito anos. A família Carolla é a máfia da velha guarda, os verdadeiros bandidos, o último de uma raça moribunda. Nosso lema da família é: "Um Carolla nunca desiste."

Somos preparados para isso desde o nascimento.

Não que eu realmente tenha testemunhado ou experimentado qualquer um dos negócios sujos de minha família. Eu sou a mais nova da minha família, sou uma protegida.

"Eu realmente não precisava parar de cozinhar para vir ver isso, não é?" Eu digo, voltando para a cozinha. Não há resposta para a minha pergunta, e eu realmente não espero uma. Em vez disso, meu pai late uma ordem.

"Traga-me uma cerveja, Katherine", comanda meu pai, distraidamente observando o iPad.

"Cervejas", diz meu irmão mais velho Dave, não olhando para a tela. Ele só espera que eu obedeça... e ele não está errado. Há muito tempo descobri que é mais fácil fazer o que eles dizem. "Traga-as aqui como uma boa menina."

Eu não digo nada, apenas me movo em direção à geladeira.

"Eu não posso acreditar que você fez isso", diz meu irmão Tony, animado. "Eu aposto que ela era bem apertada, estou certo?"

Ele é o mais nerd dos meus irmãos, e às vezes eu acho que ele concorda com tudo que papai ou Art dizem. Eu quase posso perdoá-lo por ser o mais fraco, mas sua covardia o torna um aliado desconfortável. Ele é meu melhor amigo, mas nunca sei quando ele vai me trair. Ele faria isso em um segundo, se isso significasse que ele recebesse uma palavra gentil do meu pai ou meu irmão mais velho.

"Apreste-se com essa cerveja", Art chama da sala de estar. "Estou morrendo de cede aqui."

Eu reviro meus olhos no caminho para a geladeira. Como a única garota da casa, devo cozinhar e limpar, lavar roupa e entreter os convidados. Enquanto evito os avanços de meu pai quando esta bêbado, ele sempre faz questão de lembrar o quanto me pareço com minha mãe. Eu sou a governanta perfeita para eles.

Em troca, eles ganham dinheiro. Eles usam drogas e contratam prostitutas, com o dinheiro das máquinas caça-níqueis que temos em toda a cidade. Eles fazem coisas que eu nunca poderia sonhar em fazer.

Quando substituo as cervejas vazias por cheias, recolhendo latas e ignorando cuidadosamente o vídeo que ainda estão assistindo, respiro fundo. Vai ser difícil dizer ao meu pai e meus irmãos que estou indo para a faculdade. Fiz dezoito anos semana passada, e de quatro faculdades às quais me candidatei, fui aceita em três delas.

Nada mal, para alguém que nunca viu o interior de uma sala de aula. Meus irmãos e eu fomos educados em casa, por necessidade. Aparentemente, ninguém queria que as crianças de um dos maiores mafiosos da cidade compartilhassem a sala de aula com seus filhos.

Pelo menos foi o que meu pai nos disse.

De qualquer forma, eu fiz minha própria pesquisa sobre faculdades sem sair de casa. Estou animada com a Universidade de Tulane, ou talvez a Universidade de Loyola. Para ser honesta, eu não sei realmente a diferença entre os duas, só sei que as pessoas moram no campus.

Depois de uma vida limpando a roupa suja dos meus irmãos e ouvindo meu pai bêbado confessar o quanto eu o lembro da minha mãe quando ela tinha a minha idade, estou pronta. Pronta para a faculdade. Pronta para conhecer novas pessoas.

Pronta para florescer.

Só não sei como vou contar para minha família. Volto ao fogão e vejo Tony se aproximar de mim, encostado no balcão oposto. Ele não diz nada por um tempo, e eu olho para ele por cima do ombro algumas vezes.

Quando olho para ele, posso dizer que ele está bêbado. Suas bochechas estão coradas e seus olhos de chocolate estão levemente vermelhos. Ele mantém seu cabelo escuro curto, como todos os homens da minha família. Ele é mais magro que o resto dos meus irmãos, ele tem tendões em vez de músculos. Ele também tem o hábito de se curvar e esfregar as mãos. Isso faz com que ele pareça um rato nervoso, seus olhos estão são muito próximos e seu pelo facial é muito irregular para ser chamado de barba.

Estou um pouco desconfortável com a forma como Tony está olhando para mim como se estivesse decidindo o meu valor. Ele faz isso silenciosamente, inclinando-se um pouco para frente. Se ele caísse no chão, totalmente desmaiado, eu não ficaria surpresa. Não seria a primeira vez.

Eu não digo nada para Tony, no entanto. Eu aprendi a não provocar nenhum homem de minha família. Então, deixo que Tony olhe enquanto eu preparo o jambalaya.

Tony finalmente fala.

"Você sabe ... você sabe que o papai vai te vender, certo?" Ele diz devagar e com cuidado, e eu paro. Eu devo ter ouvido errado.

"Não entendi?" Eu pergunto, minha testa franzida.

Tony continua como se eu não dissesse nada. "É sua culpa, realmente. É o que papai diz. A culpa é sua por se parecer tanto com a mamãe. Ele soluça. "Toda delicada e cheio de curvas. Seios agradáveis e uma bunda melhor ainda".

Seus olhos vagam para os meus seios, e eu desejo que meu avental possa manter seu olhar longe do meu corpo. Eu me viro, tentando ignorá-lo. Ele é meu irmão. Ele está apenas sendo pervertido e bêbado.

Isso é normal, certo? Eu tento me convencer de que a bunda e os seios que eu tenho tentado esconder por toda a minha vida são apenas parte do crescimento.

Mas o que devo fazer? Eu não pedi para ter nascido nesta família. Então, ao invés de fazer uma cena, eu apenas fico sem graça.

"Tony, acho que você deveria ir se deitar". Eu digo a ele.

Eu olho para trás e ele está tomando sua cerveja. Balançando a cabeça ele diz. “Não diga que eu não avisei você. O dinheiro está apertado e você está bem aqui na nossa cozinha. Você está muito disponível para o pai te vender em troca do maior lance. Você não acha que eles simplesmente deixariam você ter uma vida,né?”

Eu ignoro suas palavras, embora elas me façam tremer um pouco. Pegando e equilibrando as tigelas de jambalaya, ofereço-lhe uma.

"Aqui, você precisa comer alguma coisa", eu digo gentilmente. "Eu vou levar para o papai um pouco de comida também ."

Saio da cozinha, um pouco abalada, mas sinto os olhos de Tony nas minhas costas. Quando distribuo as tigelas, digo a mim mesma para não me preocupar com o que Tony disse. Ele está apenas bêbado.

Mas, quando termino de colocar os pratos na lava-louças, começo a me preocupar. E se Tony estiver certo? E se o pai realmente está ficando sem dinheiro, e ele acha que um casamento arranjado é o caminho para sair disso?

Na verdade, ele mencionou brincando a ideia várias vezes ao longo dos anos. Talvez eu devesse realmente ficar com medo sobre o que Tony disse.

Eu mordo os lábios enquanto subo as escadas para o meu quarto.

Arsen Aetós

Eu tinha onze anos na primeira vez que matei um homem.

Eu me lembro disso com detalhes claros e precisos. Eu estava em um beco estreito de Nicósia, piscando contra o sol que refletia sobre os prédios que se elevavam contra o céu azul brilhante. Eu segurei um revólver Wesson com a minha mão tremendo assim como eu tinha visto gangsters fazerem em filmes.

O homem era alto e moreno, a sua roupa era leve era folgada, como é normal que os homens usem em Chipre. Lembro-me distintamente de pensar que a pele dele era mais escura na parte de trás do pescoço e dos braços. Isso me fez pensar o que ele fazia para viver.

Eu não conhecia o homem pessoalmente. Eu só sabia que ele foi apontado para mim por Andreas e então recebi a arma. Se eu quisesse ser parte da máfia, tinha que provar ser capaz matando esse homem.

Andreas disse isso bruscamente, como se matar alguém não fosse nada. Como se eu não fosse apenas uma criança com uma imaginação selvagem e muita energia.

Eu mostraria a ele. Eu mostraria a todos os velhos, que estavam sentados do lado de fora de um café, conversando e brincando, como se não fossem os homens capazes de fazer coisas terríveis. Coisas que as mães dizem aos meninos para não se preocuparem quando a noite chega.

Eu não queria ser um desses meninos. Eu queria ser um homem.

E assim, fiquei olhando para o homem que se apressou pela alameda, inconsciente da minha presença. Eu deveria ser aquele que o guiou para fora do mundo para sempre.

Tudo o que eu tinha que fazer era puxar o gatilho.

Meu dedo trêmulo estava tão pesado quanto eu aponte a arma para suas costas. Então eu apertei o gatilho e a arma disparou. Isso me assustou. O tiro foi mais alto do que eu esperava.

A figura no beco começou a desmoronar, olhando para trás ...

Eu me lembro de tudo isso, mas não consigo lembrar o rosto dele. Só me lembro do branco de seus olhos, nariz e boca.

Eu gostaria de poder dizer que ele era especial, que minha memória não bloqueou esse momento de minha vida. Mas, na realidade, não me lembro do rosto dele da mesma forma que não consigo lembrar das centenas de homens que matei desde então. Todos eles permanecem perfeitos em minha memória com exceção de seus rostos. Não que eu tente me lembrar deles, exatamente. Afinal, eu fui um assassino por muitos anos antes de meus irmãos e eu progredirmos na hierarquia da máfia cipriota.

Eu fiquei com eles enquanto cresciam até que eles fossem grandes o suficiente para enviar alguns de seus soldados para o mundo como uma planta venenosa. De Chipre, fomos a Atenas, Istambul, Munique, Bruxelas, Paris e Londres.

Então tentamos assumir a América, Nova Orleans foi nosso primeiro alvo. É onde eu estou agora, lidando com as responsabilidades do dia a dia de nossa equipe de vinte pessoas.

Quando meu irmão Dryas e eu chegamos a Nova Orleans, nos tornamos nossos chefes por mérito próprio. Então, criei raízes aqui, aproveitando a facilidade com que posso me infiltrar e transformar o atual sistema de drogas, jogos de azar e garotas em novos negócios. Eu conseguia até me divertir, dormindo com uma prostituta russa, chamada Anna.

Então fiquei cara a cara com a família Carolla ... e é aí que as coisas mudam drasticamente.

Começando com a cabeça decepada de Anna sendo entregue na minha porta. O sangue ainda pingava de seu pescoço.

Uma nota veio junto com a cabeça.

Saia da minha cidade ou você será o próximo.

- Salvatore

Eu dou uma baforada de cigarro. Zangado por esse americano gordo e idiota achar que pode transar com o que é claramente meu. *Minha propriedade.*

Eu preciso retaliar porque, obviamente, não posso simplesmente deixar que me desrespeitem dessa maneira. Estou planejando minha resposta há algumas semanas e agora está prestes a acontecer.

Estou em uma parte de Nova Orleans que nunca se recuperou totalmente depois que um grande furacão passou, esperando na sala dos fundos de um armazém desolado. Meu irmão, Dryas, está comigo, esculpindo com calma o nome dele na parede.

Eu o observo por um momento. Como eu, ele usa equipamento tático preto. Como eu, ele é alto e musculoso. Seus cabelos escuros estão curtos, ao contrário dos meus, que deixei crescer um pouco mais.

Dryas sempre foi mais militante do que eu, vendo as coisas como preto e branco, oito ou oitenta. Não tenho o mesmo senso inquestionável de certo e errado; Eu existo entre algum lugar, nos campos mais profundos de cinza.

Isso é o que me faz um grande chefe, e Dryas um grande soldado. Estou mais do que disposto a latir ordens a qualquer pessoa, e sei que posso suportar qualquer crítica que possa ser despertada como resposta. Dryas, não tanto.

Sua fraqueza é evidente, pelo menos para mim. Então, novamente, tenho certeza de que ele vê as mesmas coisas quando olha para mim.

Dryas olha para mim, com seus olhos verde-amarelos questionadores.

"Por que você está olhando para mim, Arsen?" Ele pergunta em inglês perfeito. Nós aprendemos inglês quando estávamos em Londres, então o sotaque dele quando fala inglês é uma mistura alegre de ingleses e americanos.

"Nada", eu respondo com um encolher de ombros. "Apenas tentando ter paciência, como você."

Dryas não reage nem diz nada. Ele não é realmente o tipo de dizer qualquer coisa só para preencher o espaço na sala, e eu gosto disso nele. Eu não gosto de muitas coisas sobre meus irmãos desde que fomos criados competindo pelos mesmos recursos muito limitados.

Estou tentando não agir como se eu fosse um homem nascido em derramamento de sangue e criado por inanição, mesmo que seja precisamente o que eu sou. Dryas é muito mais paciente por natureza do que eu.

Estou sou impaciente, tamborilando meus dedos, e fumando cigarro após cigarro. Eu assisto Dryas, que parece absorto em descascar lentamente tiras onduladas de madeira da parede. Isso me lembra um pouco do que ele fez em Chipre, descascando a carne de homens devagar e metodicamente, para fazê-los falar.

Ele é sempre muito bem sucedido, com sua tática.

Não sei por que Dryas se incomoda em marcar o depósito, já que vamos demoli-lo nas próximas horas. Eu acho que ele procura se ocupar, enquanto eu fantasio em fazer os Carollas gritarem.

Os Carolla estão a caminho daqui, esperando fazer um acordo com um proeminente patrono mexicano para trazer um monte de garotas mexicanas para cá para se prostituírem ... quase me faz sorrir.

Quase.

Eu dou uma olhada na minha arma, uma Sig Sauer, apesar do fato de já saber que ela está preparada. Eu considero o que estou prestes a fazer, saboreando o fato de que estou prestes a ter a chance de matar Sal Carolla, seus guarda-costas, seus filhos ...

E sua filha ficará solitária. Um arrepio percorre minha espinha enquanto penso o quanto posso me divertir com ela. Poderia apenas matá-la imediatamente? Ou vou tomar meu tempo, a fazendo implorar quando eu a estrangulo?

Afinal, é assim que Anna morreu, depois que as Carollas a estupraram e bateram nela. Meus punhos se amontoam quando penso neles, contaminando minha propriedade.

Eu ouço o som de passos e risadas ecoando na sala principal do armazém abandonado. Eu olho para Dryas, que já está alerta. Eu levanto a minha mão, deixando-o saber para esperar um minuto.

Nós dois ficamos lá, ainda de pé à luz do dia de Nova Orleans. Um minuto passa, depois dois. Dryas olha para mim, com incerteza escrita em todo o seu rosto.

Então há tiros, pelo menos uma dúzia deles. Nem Dryas nem eu reagimos; você não chega longe em nossa linha de trabalho se os tiros te deixam nervoso. Então eu ouço uma voz masculina profunda, chamando pelo armazém.

"Ei, chefe!" David, um dos meus guarda-costas, me chama. "Nós os temos aqui, prontos para você."

Arqueio minhas sobrancelhas para Dryas e saio do pequeno quarto para a área principal do armazém. Há grandes buracos no teto, e acontece que logo abaixo da luz, estão os três homens Carolla, amordaçados e de joelhos a poucos metros de distância. Parece um pouco engraçado como se a luz estivesse dizendo, *aqui estão eles. Finalmente, os pedaços inúteis de merda que você estava esperando.*

Mas espere ... não deveria haver quatro deles? Tenho quase certeza de que há outro garotinho Carolla correndo por aí, sem mencionar a filha. Não que eu já esperasse que ela viesse com eles.

Eu esperava os quatro homens, no entanto. Eu ando até eles, pegando minha arma. Eu posso ver que eles sabem quem eu sou por causa de suas expressões, embora ainda não nos conhecemos.

"Olá", eu os cumprimento, tão casualmente quanto poderia. "Eu sou Arsen".

Nenhum deles fala comigo. Tudo bem porque gosto de começar meus interrogatórios com um estrondo. Escolhendo o mais novo do grupo, eu ando até ele e acerto sua cabeça, com meu joelho. O contato é breve, mas há um barulho satisfatório de osso quebrado enquanto o nariz jorra sangue. Enquanto ele grita, eu recuo, deixando-o cair de joelhos.

Eu limpo o sangue das minhas mãos em minhas calças enquanto os outros Carollas me encaram.

"Foda-se, seu pedaço de merda grega", outro irmão cospe em mim.

Eu olho para ele, e o vejo tremendo de raiva e medo. O fato é que ele morrerá na próxima hora, junto com a maioria de sua família. Eu lhe dou um sorriso torto, apontando minha arma para a cabeça dele.

Ele se encolhe um pouco, me dando um sinal de fraqueza. Quão fracos, preguiçosos e gordos esses americanos estúpidos são. Eu ando em direção a ele, minhas botas de combate rangem um pouco enquanto passo através do sangue de seu irmão.

"Isso é pela Anna, a pequena prostituta russa que vocês se revezaram para matar", eu digo "Essa é apenas a primeira das muitas lições que tenho para te ensinar... mas é a mais importante. Nunca, nunca encoste no que é *meu*".

Eu disparo um tiro a apenas alguns metros de distância. Tudo ficou mais lento por um segundo, para me permitir apreciar o que está acontecendo.

A bala começa a sair da minha arma. O menino que eu estou mirando se mexe e aperta os olhos. Ele se inclina para trás como se isso fosse salvá-lo.

"Não!", Grita o pai, indo em direção ao menino. Os outros dois irmãos olham horrorizados.

A bala passa através do cérebro do garoto e sai pela parte de trás de seu crânio. O buraco de bala na testa do garoto floresce com um leve toque de

vermelho. Ele olha para mim, boquiaberto como se não pudesse acreditar que eu acabei de matá-lo.

Um pequeno arrepio de energia passa dele para mim quando vejo a consciência deixar seus olhos. Naquele momento, sinto poder ao ver sua vida terminar, isso é *tudo* .

Tudo acelera de volta. Então há sangue por toda parte de repente. Por todo o lado do garoto, por todo o chão. Seu corpo tomba para trás, agitando os braços, embora não haja consciência em seu corpo.

Seu pai se vira para mim, tremendo e suando com sua raiva. Ele não parece perceber que ele está em uma posição fraca, mesmo que ele ainda esteja ajoelhado no chão sujo de um armazém abandonado.

"Foda-se", ele jura, sua voz baixa. "Eu vou fazer você sofrer. Eu vou fazer você sangrar. Eu vou te cortar em pedaços e te dar de comida para os peixes do Mississippi."

Ele começa a se mover em minha direção, apenas para ser parado imediatamente por dois dos meus guarda-costas.

Sua ameaça faz um canto da minha boca se inclinar para cima. "É só isso?"

"Eu vou acabar com você!" Ele grita, e pequenos pedaços de saliva saem de sua boca.

"Você sabe o que eu realmente queria saber?" Eu pergunto calmamente. "Eu gostaria de saber onde estão seu outro filho e sua filha."

Seus olhos se arregalam. Ele não estava esperando isso, de alguma forma. "Foda-se . Prefiro morrer a contar a você."

Isso me faz sorrir. "Tem certeza?"

Ele apenas olha para mim, sem responder.

Eu aponto minha arma para o outro filho, aquele cujo nariz quebrei. "Veremos."

Vou tirar essa informação dele, mesmo que tenha que usar meu kit de tortura.

3

Katherine

Fico olhando pela janela do carro, as ruas de Nova Orleans passando por mim. Tony e eu deveríamos ir até o supermercado, mas ele nos levou na direção oposta, indo para o leste até a área de Gentilly.

Eu arrumo meu vestido rosa pálido, intrigada sobre o porquê Tony sugeriu que eu o usasse hoje. Quando comprei esse vestido o escondi no meu quarto. Meu pai iria me matar se ele me visse usando algo tão curto.

Tony o encontrou alguns meses atrás, quando ele estava vasculhando minhas roupas, procurando por Deus sabe o quê. Ele zombou de mim, mas nunca disse nada ao papai sobre isso. Eu cheguei me esquecer de que o tinha comprado.

Até hoje, quando Tony disse que eu deveria usar algo legal, e sugeriu este vestido. Talvez eu esteja sendo paranoica, mas... não sei. Algo está errado, mas não consigo descobrir o que.

Eu olho para Tony, que está dirigindo com uma mão.

"Você tem certeza de que estamos no caminho certo?" Eu pergunto, franzindo a testa enquanto andamos por um trecho particularmente ruim da cidade.

As pequenas casas daqui têm pintura descascada e quintais irregulares, crianças descalças com fraldas provocam pit bulls de aparência mesquinha que estão acorrentados do lado de fora. As casas estão em colapso, inclinando-se uma na outra. Até as ruas estão esburacadas aqui, o asfalto está tão ruim que Tony tem que dirigir devagar.

"Sim", Tony grunhe. "Estamos quase lá."

Eu olho para Tony, sentindo que algo está errado. Seus olhos estão fixos no espelho retrovisor, sua postura está tão tensa que ele está sentado para frente em vez de se inclinar para trás. Ele está suando desde que entramos no carro, respondendo somente o que acha necessário das minhas perguntas.

Eu coloco uma mão em seu braço e ele praticamente salta para fora de sua pele. "Jesus! Não me toque, Katherine".

Eu estreito meu olhar e falo devagar. "O que está acontecendo, Tony?"

Ele olha para mim; com os olhos arregalados . Talvez ele esteja drogado. Isso explicaria a transpiração e o nervosismo.

"Não é nada que você precise se preocupar", diz ele. Sua mandíbula fica tensa, e isso é um sinal que ele está mentindo. Eu só não sei o porquê.

Eu volto para meu lugar, insatisfeita. Tony continua olhando pelo retrovisor, dirigindo a 30 quilômetros por hora. Começo a me perguntar quanto tempo levaria para sair do carro, aqui e agora. Se Tony está drogado e fugindo de policiais, eu preciso de algum tipo de plano caso algo dê errado.

Quando penso nisso, vejo as luzes azuis da polícia de Nova Orleans atrás de nós. Eu juro, um minuto atrás eu nem sequer vi o carro, mas agora ele está sinalizando para que ele pare.

Tony não para imediatamente, forçando o SUV da polícia a ligar suas sirenes. Eu olho para Tony, que está olhando pelo espelho retrovisor e segurando o volante com tanta força que suas juntas estão ficando brancas.

"Tony, você tem que parar para os policiais", eu digo a ele gentilmente. Obviamente, ele está em um estado muito alterado porque eu não deveria ter que dizer coisas assim. Vamos apenas correr e ver quem ganha?

Nessas ruas? Acho que não.

Ele olha para mim. E começa a tremer. "Você não quer isso, Katherine. Realmente, você não quer".

"Pare, Tony", eu imploro, olhando-o nos olhos. Eu sei que não tenho autoridade aqui.

"Você não sabe ..." diz ele, olhando de novo o retrovisor. "Você não tem ideia do que está prestes a acontecer ..."

"Tony", eu digo, colocando minha mão em seu braço novamente. "Está bem. Tudo vai ficar bem, eu prometo. Apenas pare o carro, tudo bem?"

Ele olha direto para a frente, então agarra o volante e empurra para a direita, freando abruptamente. Paramos bruscamente e o suficiente para que eu esteja preocupada em ter uma marca onde o cinto de segurança ficou esticado contra o meu peito.

"Jesus, Tony", murmuro, olhando para trás do carro.

Quatro policiais uniformizados já estão saindo de seu SUV, puxando suas armas quando começam a se aproximar de nós. Eles ladeiam o carro, movendo-se rapidamente.

"Foda-se!" Tony diz, virando-se a meio caminho em seu assento. "Foda-se, foda-se."

"Está tudo bem", eu tento acalmá-lo, embora eu esteja muito preocupada com os policiais se aproximando rapidamente do lado de fora de nossas janelas.

"Desbloqueie as portas!" Comanda o oficial ao lado de Tony. "Ambos saiam do veículo agora, devagar."

Minha perplexidade é evidente. Eu olho para Tony, que apenas coloca a mão nos botões que desbloqueia as portas. Ele olha para mim, e seus olhos grandes se enchem de lágrimas.

"Sinto muito", diz ele, enquanto pressiona o desbloqueio.

Do que ele está falando? Eu me pergunto.

Eu não tenho tempo para processar suas palavras completamente. Minha porta está aberta e eu me afasto de Tony. Há um oficial corpulento lá, alcançando o carro, tentando soltar o cinto de segurança.

"OK! Deixe-me só ... - digo para ele. Ele consegue soltar o cinto de segurança. Agarrando-me pelo vestido, ele me puxa do carro, batendo-me contra o lado do carro. "Jesus!"

Através das janelas, vejo Tony recebendo o mesmo tratamento. Ele está discutindo com os policiais, provavelmente tentando sair da prisão.

"Ei cara, você solte ela", ele diz. Os policiais o revistam e começam a me revistar. As mãos que sobem e descem pelas minhas pernas são ásperas e me distraio enquanto me esforço para ouvir o que Tony está dizendo. "Esse é o negócio, certo? Vocês a pegam e eu fico livre?"

"Cala a boca", diz o policial que o revistou. "Pare de falar, para que agente possa terminar logo com isso."

O policial do meu lado puxa meus braços atrás de mim, prendendo-os com um fecho. "Espere um segundo ... Oficial, espere, o que eu fiz de errado?"

O policial me gira ao redor, com uma cara feia. "Nasceu na família errada, eu acho."

"O quê?" Eu pergunto, confusa. "EU-"

"Isso vai ser muito mais fácil para você se você calar a boca", diz ele. Apontando para o SUV da polícia, ele começa a me arrastar em direção ao carro.

"Não, não, isso é um erro", eu digo, ficando desesperada. Eu olho ao redor do bairro, esperando que alguém esteja assistindo, talvez registrando minha prisão. Mas não, não há ninguém. A rua está deserta.

Eu olho para o carro, esperando ver Tony algemado também. Mas em vez disso, ele está de pé ao lado do carro, me observando com mau humor. Os policiais o deixaram em paz, e todos eles estão me seguindo em direção ao SUV da polícia.

"Que diabos?" Eu pergunto. "Tony! Tony, o que está acontecendo?"

Tony olha para longe, quebrando o contato visual. Ele abre a porta do seu carro, e com certeza parece que ele está prestes a me deixar com esses policiais.

"Tony!" Eu grito, com lágrimas rompendo na minha voz. Minha frequência cardíaca começa a aumentar, o som de todo o sangue correndo através de mim ecoa em meus ouvidos. "Não me deixe! Por favor! O que eu fiz?"

"Eu disse para você calar a boca", diz o policial corpulento que me segura. "Dean, fique de guarda."

Um dos policiais mais jovens vai apressadamente para a traseira do SUV, abrindo-o. Eu começo a tremer, meu corpo se rebela ficando desossado. O policial corpulento parece preparado para me atacar. Ele rapidamente coloca a mão inteira em volta do meu pescoço, forçando seu polegar até o meu pescoço, me fazendo chorar de dor.

É tudo muito rápido para eu resistir, para formar qualquer plano real ou para escapar. Estou marchando para o portão traseiro aberto do SUV. Eu olho para a lona de plástico azul que eles colocam lá, e todos os meus sentidos gritam, *CORRA*.

Eu procuro as palavras para descrever o que está acontecendo comigo. Estou perplexa e com muito medo. "Socorro! Socorro! Não, não, não! Estupro!!!"

Por alguma razão, meu cérebro fornece a palavra estupro como uma coisa que poderia me salvar, porque eu me lembro vagamente de ler em algum lugar que é uma palavra que se destaca.

Mesmo que eu esteja dizendo as palavras, o policial corpulento me agarra pela cintura, me levantando e me jogando no carro. Eu imediatamente tento rastejar para fora, mas ele me dá um tapa, que faz meu crânio aquecer .

Seu golpe faz parecer que a cacos de calor agonizante, desabrochando da minha têmpora. Atordoada e temporariamente chocada demais para me mexer, permito que a porta dos fundos se feche sem protestar. Há algum tipo de barreira que está me bloqueando a parte da frente do carro. A fechadura da porta clica, deixando-me em uma espécie de prisão mesmo sendo o assento de um carro.

Eu imediatamente me sinto claustrofóbica. Não consigo ver nenhuma luz, só vejo a lona azul embaixo de mim e dos meus lados. É como se eu tivesse sido selado em uma tumba, me deixando em pânico ainda mais.

Minha cabeça lateja e meu sangue corre em meus ouvidos. Eu tenho a sensação de que um milhão de pequenos insetos estão rastejando ao meu redor, mas longe o suficiente para tocar meu corpo.

Eu luto com a maçaneta da porta, puxando freneticamente. Não se move. Eu ouço as portas serem abertas, sinto os policiais subirem no carro. Eu chuto o assento tão cruelmente quanto eu posso.

"Deixe-me sair!" Eu grito, com minha mente girando. Eu arranho a lona onde a maçaneta deve estar, tentando fazer um buraco, mas é muito grosso para ser rasgado. "Tony, não deixe eles me levarem! Tony !! Tony! Não deixe que eles me levem! Socorro!!! Qualquer um, ajude!"

"Cala a boca", diz um dos policiais, embora sua voz esteja um pouco abafada.

Um deles diz algo que não consigo ouvir direito e o motor ronca para a vida. Minha cabeça lateja enquanto tento descobrir o que devo fazer agora.

Ah merda. Oh merda, oh merda, oh merda. Pense, Katherine. Pense!

Eu rolo enquanto o SUV avança, sinto meu corpo ser esfolado pela lona debaixo de mim. Os homens na frente estão em silêncio, ocasionalmente fazendo um comentário aqui ou ali, mas é muito abafado para eu ouvir.

Eu empurro a barreira acima da minha cabeça, pensando que talvez seja para ser removido, mas não se move. Eu empurro novamente, por desespero, mas ela se move só um pouquinho.

Lembro-me de um artigo que li on-line que era como escapar de um possível sequestro, mas era um artigo que explicava maneiras de evitar ser colocado em um carro.

Nunca deixe ninguém te levar para um segundo local. Eu lembro disso especificamente.

Mas o que você deveria fazer se você já foi colocado em um carro?

Pense, Katherine.

Talvez eu possa gritar, quando sentir o carro parar em um semáforo alguém poderia me ouvir? O SUV para, e eu ouço uma música ... talvez de outro carro?

Eu respiro fundo, me fortalecendo. Eu posso fazer isso.

"Socorro! Estupro! Socorro!" Eu grito.

Então há um som estrondo enquanto um dos policiais se vira, rasga a barreira acima da minha cabeça e aponta uma arma diretamente para mim. Eu pisco com a súbita explosão da luz do sol, congelando no lugar, minhas mãos sobem até meu rosto. É um gesto que diz, não atire em mim!

A cabeça do policial aparece no banco de trás e ele parece louco. Ele faz um gesto para mim com a arma.

"Eu não vou te dizer de novo", ele rosna.

"Por favor", eu imploro, com meus olhos se enchendo de lágrimas. "Eu não sei o que meu irmão lhe disse—"

"Você vai calar a boca dela?", Reclama outra pessoa no carro.

O policial apontando a arma para mim olha por cima do ombro por apenas um segundo, irritado com a pessoa que está falando. Então ele olha para mim.

“Seu pai te vendeu. Agora você pertence ao seu comprador, simples assim. E nós estamos apenas carregando você de um lugar para outro, nada mais. Então, cale a boca e não me faça atirar em você.”

Suas palavras são incompreensíveis para mim.

"Meu ... meu pai?" Eu digo, tentando entender.

O policial não fala mais. Ele simplesmente desaparece e então a barreira desce novamente.

"Não!" Eu digo, me afastando da barreira. "Não! Pare! Por favor, não posso respirar aqui!"

É verdade; Eu sinto que não posso respirar; como se eu estivesse sufocando. Sinto o policial se mexer no banco bem na minha frente e sinto minha cabeça latejar mais uma vez.

De repente, percebo que estou ficando sem tempo. Se o policial estava dizendo a verdade, logo eu estarei nas mãos de algum estranho ... e parecia que o estranho estaria melhor equipado para lidar com uma garota em dificuldades.

Eu definitivamente não quero isso. Prefiro me arriscar com a polícia, para ser sincera. Eu penso por um segundo, então percebo que eu posso tentar passar pela lona.

Eu só preciso de algo afiado para cortar a lona, algo de metal. Eu olho para o meu relógio, que tem uma pulseira de metal.

Eu me esforço para tirar o relógio e depois encontro a parte mais nítida, onde a banda se liga. Forçando-o o máximo possível entre meus dedos.

Não tive sucesso, entretanto eu posso ver que eu danifiquei um pouco a lona. Mordo meu lábio inferior, minha cabeça lateja com pensamentos malucos, eu tento de novo ... e de novo ...

Consigo fazer um corte na lona do tamanho da minha mão. Enfio minha mão através do corte e puxo. É difícil, mas eu luto com todas as minhas forças.

A lona finalmente abre caminho com um *rippppppppp* audível . Minha respiração congela.

Por favor, não deixe que os policiais tenham ouvido isso. Mas algumas respirações depois, percebo que eles não ouviram. Eu rapidamente rasgo o plástico novamente, meus movimentos frenéticos. Eu coloco minha cabeça através do buraco, então passo a lona pelo resto do meu corpo.

Eu pego o trinco da porta, forçando-me a esperar, espero até que eu tenha conseguido fôlego suficiente. O veículo diminui, e aproveito a oportunidade para abrir a porta traseira do SUV.

Luz fraca me cumprimenta quando eu pulo para fora da SUV. Meu vestido rasga, mas eu não me preocupo com isso. Meu coração ameaça explodir do meu peito.

Ka-thump, thump, thump, thump.

O sol se pôs e eu estou banhada pela luz resultante. Eu estou em algum lugar de Lower Ninth Ward, em uma rua de aparência desolada que abriga alguns armazéns antigos.

Eu ouço o veículo freiar. Eu pulo, imediatamente saindo da estrada, já que eles provavelmente vão me seguir. O quintal na minha frente é cercado, então eu viro para a direita, correndo para um portão aberto do que parece uma estação de energia abandonada ou algo assim.

"Ei! Pare!!! "Eu ouço um dos policiais gritarem atrás de mim.

Eu não olho para trás, no entanto. Eu apenas começo a correr o mais rápido que posso, olhando para um ponto no pátio da usina, entre dois prédios formando um funil.

Enquanto eu corro em direção aos prédios, meu coração dispara, meus pulmões queimam em meu peito, vejo que ambos os edifícios são armazéns abandonados.

"Pare! Menina! Eu vou atirar! "Um policial diz, em algum lugar atrás de mim.

Jamais pararei. Não agora, nem nunca.

Sei que não posso correr para sempre, então percebo que preciso me esconder.

Um tiro estala pelo céu escuro, passando por mim.

Porra! Eu quase olho para trás, tentando imaginar até onde os policiais estão, e quão eles falaram sério em me matar.

Eu me preparo, em vez disso me concentro no fato de estar me aproximando dos dois armazéns. Quando me deparo com os prédios cinzentos enferrujados, parecendo olhar para mim como dois gigantes, percebo que são idênticos.

Eu só tenho que escolher um. Esquerda ou direita?

Outro tiro estala no ar, corro em direção aos depósitos. Eles estão muito mais perto desta vez.

"Porra, pegue ela, Hunt!" Eu ouço um dos policiais atrás de mim dizer.

Quando chego perto, sei que tenho que fazer. Meus pulmões estão gritando de dor, minhas pernas estão doendo, tudo está palpitando. Eu estou encharcada de suor, meus olhos parecem que vão explodir no meu crânio.

Então, eu só tenho que fazer uma escolha. Esquerda ou direita?

A escolha é uma espécie de momento de morte súbita. Estou completamente cega pelo meu instinto animal. À mercê de algum Deus estranho, que está olhando para baixo e rindo como um chacal.

Eu corro através da estreita abertura entre os armazéns e corro para a direita.

Em breve



